

Mistério pascal

Cónego José Ferreira

De há poucos anos para cá, que esta palavra - *mistério pascal* - tem vindo a despertar interesse crescente entre os cristãos. Para tanto têm contribuído não pouco a restauração, primeiro de Vigília pascal, depois de toda a semana santa.

A Páscoa, tradicionalmente capaz de evocar entre a nossa gente cristã ou, ao menos, conservadora uma tal ou qual ressurreição de alegrias era a Missa do Sábado Santo com o «aparecimento» do aleluia, as campainhas a tocar, os paninhos roxos a correr por cordelinhos da frente das imagens ou das janelas, obscurecidas para justificar aquele «*haec nox est*», às vezes, até o sepulcro aberto à boca do camarim de exposição do SS. Sacramento, com dois anjos evocativos, mais humanos que angélicos!...,—tudo imensamente teatral, imensamente humano, imensamente distante do mistério grande daquela «*sacratissima nox*». Páscoa era ainda a visita pascal ou o compasso, com o Senhor Prior de porta em porta a dar o crucifixo a beijar a todas as famílias da sua paróquia—coisa aliás belíssima e bem fundada no Ritual Romano [T. Vm, cap. IV]. E quando simplesmente se dizia Páscoa, entendia-se quase exclusivamente o sacratíssimo Domingo da Ressurreição.

Hoje, aparecem livros com o título de «mistério pascal», e sucede que alguns deles nada contêm do Domingo, mas se limitam simplesmente ao tríduo sacro, que o precede.

O novo «ordo da Semana Santa», que refunde toda a Semana Maior, a partir do 2º Domingo da Paixão ou de Ramos, já não atinge o Domingo seguinte. No entanto, ele contém a Liturgia soleníssima da Páscoa dos «*maxima redemptionis mysteria*».

Que é, então, a Páscoa?

É a Passagem, conforme a significação da palavra; a passagem que Cristo Senhor nosso faz da vida terrestre à vida celeste, passa não pela morte.

É a passagem da terra ao céu, do remo de Satã ao reino de Deus, da Morte à Vida.

Páscoa, não é festa isolada, autónoma. Está no termo dum processo. É o triunfo da Vida sobre a Morte. Supõe, por isso, o combate. A sequência do

Domingo da Ressurreição o afirma, quando diz: «A morte e a Vida travaram entre si duelo espantoso; mas o Rei da Vida, que foi morto, agora reina vivo».

Páscoa é o reencontro da vida em Deus

Assim foi em Jesus. Embora Ele vivesse em contínua visão beatífica e a sua natureza humana estivesse pessoalmente unida ao Verbo de Deus, com a plenitude da Vida divina, todavia, porque se fez Homem mortal, pôde viver e morrer sujeito às contingências da nossa vida mortal. Só a Ressurreição constitui a Sua Humanidade santíssima naquela inacessível posse da Vida, que, por isso, é eterna, e faz que o Seu Corpo não esteja mais sujeito às fraquezas do homem terrestre; ao contrário, o Senhor é o Homem celeste, o Homem totalmente dominado pelo Espírito, glorioso, imortal.

Assim foi em Jesus, cabeça do corpo Místico da Igreja. Assim é nesta mesma Igreja e em cada um dos seus membros.

Páscoa é a celebração, no mistério do culto, desse triunfo do Senhor a favor dos homens.

É a festa de Ressurreição, da Vida nova, restaurada.

É a festa da nossa inserção em Cristo, da comunicação com essa vida de Deus, que n'Ele reina em plenitude e de «cuja plenitude todos recebemos».

É, portanto, a festa do Baptismo, e da renovação das suas promessas; da celebração da Eucaristia; da restauração da graça baptismal pela Penitência.

Em resumo, é a festa da Redenção, objectivo final da Incarnação do Verbo de Deus, a que S. Agostinho, com toda a razão, chamou «a Incarnação redentora».

A esta luz, facilmente se compreende a extraordinária Importância desta Semana, a que justamente se deu o nome de Maior, em especial, do tríduo sacro, em que se faz a celebração destes mistérios da Redenção, dos quais nasce a esplendorosa alegria pascal, a começar com o primeiro dia que segue a grande Vigília da Ressurreição - o Domingo - «o dia que o Senhor fez».

A esta luz, se compreende também, que, para restaurar a Fé e a participação nos sacratíssimos mistérios da Sagrada Liturgia - essas acções sagradas sob as quais nos é representada a acção salvífica que o Senhor, por nós, realizou, - a Santa Sé tenha refundido e tornado mais acessíveis os ritos litúrgicos da Semana Maior. Com fim eminentemente pastoral - disse-se, isto é,

em ordem a fazer participar os cristãos da graça desses mistérios, em maior abundância.

Para isso, adaptou-se o melhor possível às necessidades hodiernas e o ainda recente decreto da S. Congregação dos Ritos veio abrir novas perspectivas de sentido pastoral.

Insiste-se fortemente na preparação desta Semana: «Os ordinários dos lugares prevejam a que os Sacerdotes sejam bem instruídos não só no que respeita ao ritual da celebração do Ordo da Semana Santa, mas também no que respeita ao seu sentido litúrgico e à sua finalidade pastoral.

Cuide-se de que os fiéis, no sagrado tempo da Quaresma sejam mais perfeitamente instruídos, em ordem a compreenderem convenientemente o Ordo da Semana Santa, de sorte a poderem participar na sua celebração, com espírito de compreensão» [instrução, 1].

E a Instrução da S. C. dos Ritos vai tornando-se claríssima ao apontar em concreto, alguns dos temas a serem esclarecidos e assimilados; entre outros, a compreensão do sentido dos dias, como o do Sábado Santo, e o das acções litúrgicas, como a da Sexta feira Santa.

E torna a insistir-se nas razões pastorais.

O Ordo, no que diz respeito à Vigília pascal, já tem seis anos; para os outros dias, somente um.

Que nos ensina a experiência destes anos passados?

Creemos que só lições de optimismo. À parte raras excepções, daquelas que corroboram fortemente a regra, aceitou-se e compreendeu-se alguma coisa do alcance das disposições da Santa Sé.

Alguma coisa, pode ser muito ou pouco e houve, certamente, de tudo. Seria curioso lançar e, como já se fez noutros países; inquérito sobre a aceitação e os resultados dessas celebrações. Seria optimista, estamos em crê-lo.

Mas optimismo pode não ser muito mais que atitude de esperança. E urgia que fosse mais. O Ordo da Semana Santa tem de ser aceite e realizado no espírito que a Santa Sé imaginou, ou então será uma cerimónia, morta à nascença, formalista e distante, ou, como se vai dizendo, será mais uma

«receita», que se aplica, mas cujos resultados não serão automáticos. Para tanto, é necessária a preparação.

E a Instrução aponta, para isso, «o santo tempo da Quaresma». A nossa Quaresma, já tão esquecida, sem dúvida, conserva ainda muito do seu espírito. Os últimos anos têm visto este renovar-se consideravelmente. Graças a Deus! Mas não basta conservar-lhe ou orientar-lhe o espírito; é preciso dar-lhe um corpo.

A preparação quaresmal tem de visar o seu termo natural, a Semana Santa e, em particular, a Santa Vigília pascal. Perde-se, por vezes o sentido cíclico do ano litúrgico, principalmente desta primeira parte.

Os «tempos» litúrgicos são cíclicos, isto é, não autónomos, mas orientados uns para os outros, como a vida. A Quaresma prepara o mistério pascal, ao mesmo tempo que o tem já em si, porque, a Quaresma, tempo da morte ao «homem velho», pela graça de Cristo, é, por essa mesma graça, tempo de ressurreição do «homem novo». Mas, como grande catequese da Igreja, que é, e escalada ascética da montanha de Deus, ela é o tempo próprio para séria e sólida preparação da cristandade em ordem à grande Semana.

E cremos que, neste ponto, quase se não começou ainda. E é tempo, que o povo gosta, está espera, o Santo Padre quer, e «os grandes mistérios da Redenção» exigem-no.

As instruções de S. Congregação são, neste ponto da preparação tão claras, que onde se não possam encontrar três acólitos, mesmo leigos, para Quinta-feira Santa e quatro para a Vigília, convenientemente preparados, não se podem realizar as Sagradas funções.

Está, portanto, condenada a teoria, tantas vezes praticamente aceite, de que aos actos litúrgicos, sendo como são de ordem sacramental, e valendo como valem por si mesmos, lhes é indiferente a atitude da comunidade. Não; a liturgia não é algo de alheio ao mundo humano. A liturgia é acção divina, mas realizada entre os homens e a favor dos homens. Por isso, tem que ser entendida, sentida, vivida pelos homens. E estes homens são a comunidade cristã; e os sacerdotes os seus pastores, «dispensadores dos mistérios de Deus»

A Liturgia é a primeira acção pastoral.

in *Novellae Olivarum*, Ano XV, nº 141, 1957, pp. 109-111
in *Novellae Olivarum*, IV Série, Nº 22, Número Especial, 1998, pp. 53-56